

A.N.C. pag. 4

Palavras tranquilizadoras

14 ABR 1987

CORREIO BRAZILENSE

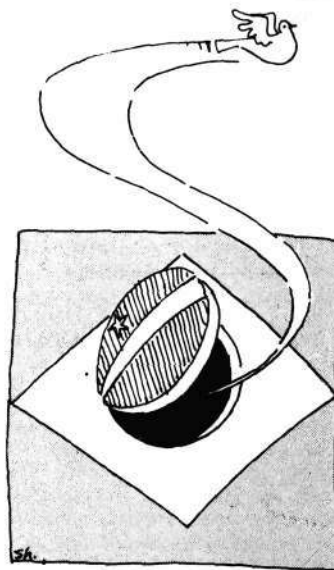
ALUIZIO NAPOLEÃO

Neste momento em que o País está voltado para os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, que se processam numa atmosfera de crise econômica, social, política e sob as dificuldades que o Brasil enfrenta para resolver o difícil problema de sua dívida externa, não são salutares as greves e os movimentos reivindicatórios, que paralisam as atividades essenciais, provocando tensões, angústias e incertezas. Essa agitação perturba a tranquilidade que devia envolver os constituintes de 1987, em seu patriótico labor, pois necessitam de tempo para meditar e construir uma estrutura política, social, econômica e financeira para o Brasil, organizando o Estado e estabelecendo o regime que deve vigorar de ora em diante, salvaguardadas as garantias jurídicas dos cidadãos e, acima de tudo, o respeito à pessoa humana, sem o qual a democracia não existe.

Estamos vivendo um momento de transição política, como bem acentuou o presidente José Sarney, que procura, nesta fase tumultuada da vida republicana, que sucede a um longo período de governo autoritário e militar, levar o barco a bom porto, a fim de que a Nova República seja definitivamente consolidada e o País possa desfrutar do regime democrático recém-instaurado. É claro que este período que estamos vivendo era esperado e ninguém de experiência e bom-senso poderia supor que a restauração democrática pudesse

ser realizada em mar de rosas, com as tendências políticas latentes, adormecidas mas não mortas, que afloram, no tumulto das lutas políticas atuais. Estamos passando assim, por uma fase de grande efervescência política, de ajustamentos, de conflitos de idéias e de interesses, que surgem na claridade da vida livre dos dias atuais e da qual desacostumáramos com as novas gerações ansiando por ela, crescida na obscuridade de um regime forte e autoritário. Estão, agora, como pássaros que saem do ninho pela primeira vez, ensaiando os vôos no espaço contaminado pelas dificuldades que o País atravessa.

Não há, porém, outra alternativa, pois será dentro desse espaço que a Nação deverá se ajustar, crescer e se desenvolver, dona que é de imenso território, com riquezas inexploradas que só esperam que o suor, o labor, a capacidade e a visão de seus filhos a conduzam a melhor destino. E, se o momento é de reflexão, não podemos deixar de pensar que os problemas difíceis e angustiantes que ora vivemos só poderão ser resolvidos se houver um sentimento alto de patriotismo e sensibilidade humana, em que a coletividade se una para uma obra conjunta, sem os egoísmos que nossa época não mais admite, com a consciência do bem público, irmanados patrões, operários e o Governo, sem agita-



ções estereis e inúteis, que nada resolvem, para extirpar a grande chaga nacional, inadmissível no mundo de hoje, isto é, a desigualdade flagrante entre os que têm demais e os que não têm nada.

É necessário que se tenha a consciência da necessidade de aproveitar os bens terrestres que Deus nos deu para o benefício de todos, numa época em que a ciência e a tecnologia nos oferecem os meios para ultrapassarmos as ideologias, como já se esboça nas relações internacionais, em que os líderes mais esclarecidos começam a perceber que se descortina um caminho mais amplo e único, para o benefício da humanidade, em oposição aos conflitos que só levam

às guerras, às revoluções, à morte e à destruição, ao sofrimento e à dor. Estamos, assim, numa clara opção: a aurora de uma nova vida ou o caos dos conflitos e da violência.

Essas reflexões me vieram à mente a propósito da manifestação, louvável sob todos os pontos de vista, de nossas Forças Armadas, através das autoridades mais responsáveis da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, com o aval do comandante-em-chefe, que é o presidente José Sarney, expressando, de uma maneira clara, o que todos os brasileiros desejavam ouvir e demonstrando a linha superior de orientação em relação ao momento atual. "Toda a população brasileira tem seus pensamentos e aspirações sintonizados com a Assembléia Nacional Constituinte e sua histórica missão de elaborar a Carta Magna. Que ela seja a resultante fiel e poderosa de todos os vetores da vontade geral dos brasileiros, a base para o equacionamento construtivo e realístico dos problemas que nos afligem" — declararam os chefes militares, acrescentando: "A lei suprema, a que hão de subordinar-se todas as leis, todos os poderes e todos os cidadãos". Os ministros Henrique Sabóia, Leônidas Pires Gonçalves e Otávio Júlio Moreira Lima abriram uma clareira na mata escura. Estão "navegando, marchando e voando" com o Brasil. O Duque de Caxias, com o seu senso de estadista, não pensaria de modo diferente.